



Elementos em torno da implantação de uma televisão universitária: experiências da TV UESC¹

Rita Virginia ARGOLLO²

Betânia Maria Vilas Boas BARRETO³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Diante das inovações em termos de tecnologia e acesso à informação na contemporaneidade, o diálogo entre os sujeitos sociais na construção do conhecimento torna-se uma prerrogativa pertinente na interface entre Comunicação e Educação. Neste sentido, este estudo investiga os olhares dos telespectadores sobre os gêneros e formatos televisivos não-hegemônicos, inseridos na proposta de uma TV universitária de cunho educativo, em processo de implantação, voltada para experimentação, diversidade, pluralidade e cidadania. O relato concentra-se na experiência do projeto TV UESC, da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA), e nas impressões do seu público em relação aos produtos desenvolvidos e exibidos por esta TV, num processo de constante reavaliação das atividades e intercâmbio de saberes entre os interlocutores no processo de sedimentação desta televisão junto à comunidade acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: tv universitária; TV UESC; implantação; recepção

Introdução

A idéia de uma TV universitária que permeie o diálogo entre os diversos setores da instituição é a base do que entendemos necessário para este perfil de mídia. Mas acreditamos que, principalmente por seu caráter acadêmico, inovador e sem as cobranças do mercado profissional este tipo de televisão deva cumprir as exigências inerentes ao processo de construção/transmissão da notícia e dos mais diversos conteúdos, mas também possa servir à experimentação, criação e entendimentos em torno de novas linguagens, roupagens, opções para os produtos audiovisuais.

Por isso, e por consideramos de fundamental importância a constante avaliação das ações em um projeto universitário, principalmente em uma instituição pública, é que propomos aqui um aprofundamento na análise do processo de construção-recepção da

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação Educativa do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestre e doutoranda em Educação, professora de Produção, Direção e Edição em TV da UESC, coordenadora do Projeto TV UESC, email: rvargollo@yahoo.com.br.

³ Jornalista, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, professora de Vídeo, Teoria e Prática da UESC, coordenadora do Projeto TV UESC, email: bete_vilas@uol.com.br.



TV UESC. Neste breve período de existência do projeto já foi necessário fazer ajustes no processo de produção - ajustes temáticos, que visaram privilegiar temas como negros, quilombolas, candomblé, festas regionais, agricultura, além de pesquisas e atividades de extensão universitária. E também reorganizações de pessoal, de papéis e funções, dado a integração de um considerável número de bolsistas à equipe.

Para tanto, apresentamos aqui os resultados obtidos a partir de um estudo de recepção feito com um grupo focal, para identificar quem assiste à TV UESC, como e onde vê. Quais as críticas possíveis e sugestões que podem ser adotadas pela equipe.

Considerações a cerca de televisão

Entendendo a TV como espaço midiático de aprendizagens, acreditamos que este é um dos meios com intensa representatividade no cotidiano social.

Dado que a televisão nos alcança em todo tempo e em toda parte, dado que nenhuma faixa etária, nenhum campo de atuação, nenhuma classe de renda fica imune a ela, dado que a maior parte da população brasileira não tem acesso regular a outras fontes de informação, além do rádio e da TV, não sei que outra realidade contemporânea mereceria, mais do que essa, um tratamento de prioridade educacional (MAGALDI, 2001, p. 112).

A preocupação da autora justifica-se porque falar de televisão, no contexto contemporâneo, é trabalhar num campo comunicacional heterogêneo e repleto de multiplicidades. É pela televisão que milhões de pessoas se informam sobre o que acontece em sua cidade, estado, país e no mundo. A TV também é, essencialmente, sua fonte de entretenimento. Esta televisão apresenta-se, de maneira geral, bastante multifacetada.

Estas diversas construções de sentido dos enunciados televisivos trazem a necessidade de uma análise do papel social da TV para a informação e a formação dos receptores. Fisher (2002) entende que se deve enxergar o veículo inserido num contexto cultural. Para ela, as transformações históricas vivenciadas hoje não podem ser percebidas sem levar em consideração a “centralidade da cultura, dos múltiplos processos de atribuição de sentido às práticas sociais, no âmbito do amplo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação” (p. 2-3).



Construir realidades, através dos meios comunicativos, assim, é gerar conhecimento. E o conhecimento seria um processo que “prevê a condição de reelaborar o que vem como um ‘dado’, possibilitando que não sejamos meros reprodutores” (BACCEGA, 2000, p. 106). Contudo, para Baccega (idem) as informações, hoje, não conseguem abranger a dimensão do processo do conhecimento. Elas não são suficientes para abarcar a dinâmica social, justamente porque são fragmentadas. A autora conclui que o conhecimento implica crítica, baseado na interrelação e não na fragmentação. Por isso se faz necessário investigar qual o papel da televisão na construção de conhecimentos para os receptores, principalmente se este veículo se insere num dado sistema educacional, e se essa relação acontece apenas no nível informacional, ou ultrapassa para a formação dos receptores.

Porém, Machado (2000, p. 74) compreende que a televisão, geralmente “acusada de massificação e banalidade, tem sido também o lugar onde o pensamento ganhou um impulso novo, liberado que foi dos constrangimentos retóricos de sua forma escrita”. Mas, ainda segundo o autor, os resultados reais de algumas propostas só aparecem praticadas por tvs que fogem ao esquema televisivo hegemônico. Como um dos caminhos alternativos encontram-se as propostas de um modelo de televisão ligado ao ensino superior, uma televisão universitária voltada para a cidadania, pluralidade e diversidade.

Braga e Calazans (2001) entendem que estas são, muitas vezes, iniciativas que se desviam das grandes estruturas de produção e difusão mediática de interesse comercial. Os pesquisadores apontam que a possibilidade de acesso às tecnologias de registro e transmissão tem agraciado outros setores sociais, minoritários sob o aspecto da comunicação, mas organizados socialmente, como o âmbito acadêmico. Os estudiosos afirmam que “o sistema mediático de um país, por mais que sofre concentrações em torno do capital industrial, não é um sistema monolítico” (p.22).

Outros pesquisadores da área concordam com esse pensamento e acreditam numa televisão universitária que, inserida na instância de promoção do saber, também promova a democracia e a cidadania, através da inovação. De acordo com Pena (2002, p.43) “as tevês universitárias são o lugar ideal para a experimentação. O lugar ideal para uma rediscussão ética e estética do veículo, que, em última análise, possibilite uma participação democrática da sociedade e promova a cidadania”. Para ele, esta



complexidade que se espera para uma visão totalizante dos fatos, passa pela articulação de uma TV que se comprometa com ideais como democracia, diversidade e pluralismo, através da experimentação de linguagens e conteúdos. Assim, alicerçar o papel educativo do meio.

Reflexões essas que são entendidas por Pena (op.cit) como formadoras de opinião para uma mudança na concepção televisiva atual, atraindo quem recebe suas mensagens como um componente ativo do processo de interlocução comunicacional. Para ele, não se pode apenas pensar num conteúdo televisivo que apenas informe algo, que forme opinião, mas, sobretudo, que atraia o público receptor, o envolva e o identifique. É uma linguagem que esteja em sintonia com as expectativas do público do canal concretiza essa pluralidade. “Acreditamos que essa proposta pode melhorar a eficácia da mensagem, ou seja, ajudar a incrementar as próprias discussões sobre a formação do cidadão” (PENA, 2002, p.45).

A proposta do autor é investigar o conteúdo televisivo sem amarras ou idéias pré-concebidas. Este papel mediador de construção de sentidos é uma das bases de orientação na concepção de uma televisão voltada mais para o receptor educando - como sujeito do processo de elaboração e emissão de mensagens – mais do que apenas um interlocutor passivo, amorfo, que apenas recebe os enunciados. E estes meios alternativos podem ser usados a serviço da construção de conhecimento dos indivíduos e da melhoria da qualidade educacional no país.

Bonilla (2005), baseada em Chaparro (2001), entende que o conhecimento é fator de crescimento e a educação apresenta-se como um caminho para o desenvolvimento das sociedades dinâmicas, visto que se necessita, na conjuntura atual, desenvolver “capacidades criativas, analíticas e de compreensão, tanto das pessoas, quanto das instituições sociais” (p.67). Assim, para a autora, o sistema educacional precisa se configurar como “uma comunidade de conhecimento, como uma *escola aprendente* (grifo do autor)” (ibidem).

Ampliando a perspectiva, Bonilla (op. cit.) afirma que os saberes “oficialmente válidos representam uma ínfima minoria dos que estão ativos hoje. Por isso, o saber de cada um precisa ser reconhecido e valorizado em sua diversidade”. E acrescenta que, “essa valorização, utilização e criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as



energias intelectuais”, passam pelos inovadores formatos comunicativos e organizacionais inseridos nas comunidades de conhecimento (ibidem, p. 67). Assim, a universidade tende a transformar-se, efetivamente, numa comunidade de conhecimento, com um poder comunicativo, que também é educativo, e pode constituir novos “territórios sociais onde afloram singularidades, cruzam-se caminhos, desenvolvem-se projetos e ações de acordo com os interesses e desejos dos sujeitos sociais” (idem, p. 211).

É, portanto, no entrelaçamento das duas áreas, comunicação e educação, no contexto atual, e particularmente no âmbito televisual dentro de um ambiente de ensino superior, que se devem organizar novos estudos e questionamentos. Braga e Calazans (2001) reforçam esta idéia e concluem que, é pela transdisciplinaridade que talvez se consiga o melhor resultado nessa discussão, *“no qual os processos, conceitos e reflexões de um campo sejam postos, todos, a serviço do desenvolvimento do outro campo, através de um trabalho comum (grifo dos autores)”* (p.70).

Finalizando, Bonilla (ibidem) diz que, é pelo conhecimento e aprendizagem que a sociedade atual pode transformar-se numa sociedade capaz de geração de conhecimentos sobre si mesma e seu contexto, utilizando-os como alicerce para uma reconstrução de suas instituições sociais e das relações estabelecidas no seu interior.

O conhecimento e a informação do receptor

Diante desta nova organização social permeada pela velocidade e por convergência de saberes e dizeres cria-se a necessidade de se argüir sobre as instâncias que transformam o mundo atual numa “sociedade do conhecimento”. Bonilla (2005) acredita que pensamos assim porque somos soterrados por informações, mas, para ela, conhecimento e informação são bem diferentes porque “informação é um dado organizado e comunicado, mas indiferente ao significado”. Já o conhecimento pressupõe atribuição de significado e este processo não ocorre de maneira individual e sim, numa relação do sujeito com o mundo “relação mediada pela linguagem, portanto na interação entre os sujeitos” (idem, p. 18).



Por isso, segundo a autora, o conhecimento está sempre se renovando, porque é sempre provisório, precisando de argumentações recorrentes para sua validade. Com este ressignificar, aparecem novos conhecimentos. Concomitantemente, os que são trazidos pelos indivíduos, em sua experiência pretérita, e as muitas informações que recebe do contexto social externo, podem ser inseridos no seu próprio contexto, ressignificados e identificados por estes mesmos indivíduos, abrindo novas questões, discussões, negociações e debates (p. 19).

A proposta aqui apresentada pretende investigar como uma televisão universitária, inserida dentro do contexto acadêmico, pode ajudar nessa significação e ressignificação da construção de conhecimento do seu público receptor, como os membros dessa realidade educacional de nível superior. Para Kenski (2007), torna-se importante um olhar mais aguçado sobre a responsabilidade desse sistema na formação dos cidadãos. Segundo a autora, a escola necessita trazer para si a responsabilidade na formação de cidadãos capazes de enfrentar os desafios da contemporaneidade e que consigam “analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas” (p. 64).

Assim, é pertinente investigar a estruturação e manutenção de um veículo de comunicação de amplo alcance, como a televisão, dentro de um sistema educacional, como a universidade e de que modo os receptores das mensagens transmitidas por essa TV se identificam e constroem conhecimento por intermédio dela.

Pretto (1996) também entende esta concepção posta para a área educacional no sentido de transformação do ser humano educando em um programador de produção, “capaz de interagir com os mecanismos maquímicos da comunicação, um ser humano participativo que saiba *dialogar* com os novos valores tecnológicos e não um ser humano receptor, passivo” (p. 220). Ao investigar esta relação em centros universitários, o autor entendeu que o “olhar mais atento para o interior das universidades indicou a *total ausência de uma cultura audiovisual* nas suas práticas acadêmicas” (idem, p.222). Esta situação revela-se paradoxal no sentido em que, cotidianamente, o mesmo contingente mantém contato muito próximo com os modelos televisuais e videográficos disponíveis na sociedade.



Sobre este ponto, Duarte (2004) acredita que os dispositivos institucionais e tecnológicos eminentemente televisivos são capazes de “apresentar a um número cada vez maior de telespectadores os múltiplos aspectos da vida social, sendo responsáveis pelo surgimento de novas sensibilidades, éticas e estéticas”. Assim, é importante entender, também, como uma televisão universitária se apropria dessa nova configuração do linguajar televisual e como seu público decodifica suas mensagens.

O questionamento necessário a se fazer é de como uma televisão universitária pode atrair o público e, ao mesmo tempo, ser um instrumento educativo de construção de conhecimento. Para Braga e Calazans (2001),

O sistema escolar, enquanto espaço socialmente legitimado para a organização da aprendizagem, se articula então para absorver ou direcionar os processos mediatizados – através da educação à distância, do uso de meios no processo educativo, pelo desenvolvimento de novas metodologias de ensino. Trata também de realizar a reflexão e a pesquisa necessárias para compreender e, portanto, tentar abranger conceitualmente os novos processos postos em marcha (p.66).

Assim, Pretto (1996) entende esse processo como um caminhar na construção de uma nova relação do cotidiano universitário com a presença do audiovisual. Para o autor, trata-se de desenvolver um trabalho levando em consideração o conjunto de indivíduos que fazem parte do universo acadêmico (professores, pesquisadores, alunos e funcionários), que estão em constante contato com o “mundo audiovisual e que essas questões, portanto, passem a fazer parte do cotidiano universitário como parte dessa cultura e não como mais uma técnica – ou tecnologia – que precisa ser *apreendida*” (p. 233).

É importante e pertinente investigar o papel social desse veículo para a informação e a formação dos receptores, em um processo que a transmissão de informações esteja associada à construção da cidadania. Para Dallari (1998) ela expressa os direitos que dão possibilidades aos indivíduos de participarem da vida e do governo. “Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social”. (p.14).



Acredita-se que no caso das televisões, esta programação também tem por obrigação legal o cunho voltado para a formação ampla do cidadão, encaixando-se, portanto, no que dispõe a Lei 9.265/96. A Constituição de 1988, destaca-se o TÍTULO VIII, Capítulo V, “Da Comunicação Social”, no seu Art. 221, que assegura que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos princípios de: finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; promoção da cultura nacional e regional, regionalização e estímulo à produção independente, respeito aos valores éticos e sociais dos indivíduos e dos grupos familiares.

Barros (1997) aponta que o comunicador precisa incorporar a faceta educativa de sua atividade, dentro de uma ética e estética da recepção. O autor coloca a comunicação no espaço da educação informal, ocorrendo nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o indivíduo se vê em interação com os outros, e com informações e manifestações culturais. É numa relação de troca que acontece o processo comunicativo, onde as partes envolvidas compartilham a mensagem e a produção de sentidos (idem). Sob este prisma, é preciso compreender o caráter dialógico da comunicação, dando mais ênfase ao receptor como sujeito que participa do processo intercomunicativo, num partilhar e tornar comuns idéias e sentimentos (idem, ibidem).

Em sua argumentação, Barros (op. cit.) menciona que algumas correntes educacionais e comunicativas vêem o educando e o receptor como participante ativo no processo de comunicação e fruição, saindo do plano do texto recebido, para o seu contexto e relações cotidianas (p. 30).

O receptor recria a mensagem recebida, recria o objeto comunicado, oferecendo novas características e roupagens. Esse processo de recriação se dá adornado pelas circunstâncias do espaço e tempo em que ocorre, pelo contexto sociocultural em que se acha envolvido o receptor. “Cabe ao receptor/educando assumir atitude passiva, acrítica ou ingênua na recepção. Ou, ao contrário, assumir atitude ativa, participativa, crítica” (BARROS, 1997, p.33).

Este receptor de mensagens cresceu diante dos avanços tecnológicos e, portanto, codifica e decodifica com familiaridade essa linguagem multimidiática. Assim, é pertinente investigar que contribuição um projeto como a TV UESC desempenha, academicamente, como instrumento educacional do público que recebe suas mensagens,



toda a comunidade acadêmica, no sentido de entender se estas mensagens são realmente educativas ou não.

Ouvir o telespectador da TV UESC

Mais que uma necessidade, ouvir o nosso telespectador é um imperativo. Para as TVs comerciais, o *feedback* do receptor pontua novas produções, remodelações, ajustes no produto visando a criação audiovisual televisiva como mercadoria que assegura o lucro das redes hegemônicas. Neste caso, referente a uma televisão universitária, atentar para o receptor é fundamental; é entender que estamos diante de um veículo que deva proporcionar a aproximação entre ensino, pesquisa e extensão, possibilitar o fluxo de informações entre os diversos setores da universidade e refletir na tela não necessariamente – e nem sempre – aquilo que a comunidade acadêmica queira, mas uma programação que respeite quem a assiste e contribua para novas educações⁴. Lembramos que a TV UESC foi criada, no primeiro momento, para promover o diálogo entre as instâncias que compõem o ambiente acadêmico e, posteriormente, à medida que conseguirmos ampliar sua ação para a comunidade em torno desta Universidade, outros sujeitos passam a ser incluídos no debate.

Neste sentido, então, procuramos mais uma vez avaliar o que conseguimos realizar até o momento. Quando completamos um ano de exibição experimental, fizemos a primeira pesquisa de recepção⁵, que apontou para algumas sinalizações que se mostram mais claras na abordagem atual.

Desta vez, desejamos ter dados mais consistentes a respeito da nossa produção, informações mais personificadas, para podermos contar com um perfil mais detalhado. Por isso, optamos pelo caminho do grupo focal. Entendendo as convergências e divergências em torno da definição desta metodologia, principalmente a partir da década

⁴ De acordo com BONILLA e PICANÇO (2005, p.219), “Pensar em “novas educações” é distinguir tal fenômeno cultural da sólida “escola única”, que vem servindo à consolidação do poder hegemônico. Essa distinção abre a brecha para o exercício de uma nova ordem, na qual pode ser instituída pelos poderes não-hegemônicos, com base nas múltiplas culturas imersas na horizontalidade, proporcionadas pela rede que entrelaça informações, saberes e pessoas. Isso significa ampliar a participação na produção e circulação de conhecimento, considerando seu caráter plural enriquecido da convivência com o global e seu caráter contextualizado, fundado na cultura local”.

⁵ Esta pesquisa resultou no trabalho *Híbridos e experimentação de linguagens na TV universitária – o caso da TV UESC*, apresentado no NP Comunicação Educativa do VII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



de 1980, quando esta técnica começava a ganhar força, escolhemos trabalhar de acordo com o que dizem NETO, MOREIRA e SUCENA (2002) sobre grupo focal:

[...] uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

Neste procedimento, entendemos que o aprofundamento nas questões a cerca do foco em estudo – no nosso caso, a construção de uma programação para a TV UESC – vem a partir do diálogo, do contraponto, das leituras e releituras individuais e coletivas. Portanto, de uma análise qualitativa dos processos. Na fruição dos debates gerados pelos participantes, buscamos entender, compor novas bases e reconstruir a temática e o formato das nossas produções.

Uma vez que a população da Universidade Estadual de Santa Cruz é formada por cerca de 6.400 alunos (de graduação e pós-graduação), 700 professores e 250 servidores, compusemos uma amostra formada por dez representantes, sendo cinco homens e cinco mulheres, dos quais 20% têm menos de 20 anos, 50% estão na faixa etária dos 21 aos 40 anos e 30% estão entre 41 e 60 anos de idade. Do total, dois são servidores, quatro são professores e os outros quatro são alunos. Podemos chamar de composição aleatória de amostra se partirmos do pressuposto que esta composição numérica não foi intencional, e sim de acordo com o interesse e a disponibilidade das pessoas em participar de tal procedimento.

Como não tínhamos um delineamento de como seria esta amostra, qual a relação dela com o projeto e se conhecia ou não o que vínhamos produzindo até então, optamos por aplicar um questionário de sondagem, uma espécie de pré-teste, seguido da exibição de algumas produções e debate de questões levantadas pelos próprios sujeitos. No final, repetimos a avaliação com o questionário, para que pudéssemos ter a possibilidade de confrontar o que foi dito nos dois momentos. A necessidade de informações por parte do receptor se confirmou com as respostas dadas: 50% disseram conhecer a proposta da TV UESC, mas os outros 50% assumiram não saber do que se trata, mesmo 80% já tendo assistido a algum material produzido pela mesma e entendendo que um projeto como este pode beneficiar a comunidade acadêmica.



Todos responderam que acham de fundamental importância uma TV universitária na UESC, principalmente para colaborar com o debate de assuntos que sejam de interesse da comunidade acadêmica e também favorecer discussões para além das portas da universidade. Ainda assim, 30% reconhecem não saber o que é uma TV universitária ou uma TV educativa. É interessante atentar para o fato de que mesmo os que disseram saber o que é uma TV universitária/educativa apresentaram idéias vagas, soltas – “divulgar conhecimento”, “democratizar o saber”, “uma TV que passa informações educativas” -, sem conseguir se apropriar de um conceito.

Após a exibição de uma edição do programa *Universus*⁶ e de um vídeo institucional da UESC produzidos por nossa equipe e depois das discussões pertinentes às dúvidas e críticas da amostra, aplicamos as mesmas questões iniciais. E identificamos que 70% disseram conhecer a proposta da TV UESC – conseguiram fazer a associação a partir de programas assistidos nas exibições experimentais dentro do *campus*. Pela mesma razão, 90% lembraram já ter assistido a alguma produção. Acreditamos que com os debates foi possível reforçar o entendimento a respeito da temática, aumentando para 90% o número dos que entendem que um projeto desta natureza é necessário para o ambiente acadêmico.

Neste sentido, quisemos saber a opinião do grupo se consideram a programa *Universus* um telejornal. No início obtivemos as seguintes respostas: 10% acham que sim, 30% não responderam e 60% não enxergam o programa como jornalístico. Depois da intervenção, 10% não responderam, 30% disseram que sim e 60% que não. Embora a forma como os assuntos são mostrados tenham sido considerada interessante, por 70% antes da intervenção e 80% depois da intervenção, percebemos que ainda nos deparamos com a visão tradicional do que se considera ser um telejornal, com base no modelo padrão das TVs comerciais. O nosso público receptor não associa o *Universus* a telejornalismo alegando características como a forma como a narrativa é construída para passar a informação, a variedade de temáticas e a abordagem dada a um tema que tende a buscar os vários olhares sobre aquilo – ressaltamos que esta última é princípio fundamental do jornalismo. De uma forma geral, acha-se que o programa em questão tem um formato mais voltado pra uma revista eletrônica.

⁶ Programa experimental produzido pela TV UESC.



Durante as discussões, após a exibição dos materiais, uma série de pontos positivos e negativos foram elencados a partir da fala dos sujeitos. Destacamos como principais: “um bom resultado para alunos que estão iniciando”, “participação da comunidade acadêmica”, “bom nível de informação”, “as reportagens são dinâmicas e trazem assuntos de interesse da comunidade acadêmica”, “os temas são úteis e relevantes”, “é descontraído, divertido e variado”, “aborda uma temática buscando diferentes olhares”, “é uma mistura de imagens, sons, conteúdos e entrevista, uma ótima forma de mostrar os assuntos”, “trata com imparcialidade, dinamismo e interfere positivamente nos assuntos abordados”, “os temas passam uma idéia de pensamento pra cada um”, “a TV possui uma estrutura jovem e atraente para os alunos”, “apesar da limitação existe o interesse pela busca do conhecimento”.

Entendemos que os recortes acima denotam que apesar do ainda distanciamento entre realizadores e público receptor, já há uma inserção do trabalho realizado até agora entre aqueles que compõem o quadro da Universidade. Os aspectos que apontam de forma positiva para o trabalho da TV UESC são em maior número e as discordâncias são apontadas por 40% dos entrevistados. Mas, por mais contraditório que possa parecer, gostaríamos de nos ater ao que chamamos de pontos negativos explicitados pela amostra: “falta maturidade”, “falta estimular debates teóricos”, “superficial”, “não inova, não experimenta”, “calcada no modelo comercial”, “temas mal selecionados”, “temos que mudar nossa visão de mundo”, “problemas relativos à exibição, como falhas no áudio e a impossibilidade de assistir aos programas em outros momentos”.

Algumas críticas consideramos pertinentes, outras resultado do desconhecimento da produção da TV UESC, que tem buscado desde o início a experimentação de linguagens, a construção de pautas baseada no que é valor-notícia para o público da Universidade e o exercício do que o aluno aprende em sala de aula. Ressaltamos que o processo de tramitação necessário em uma instituição pública por vezes torna lenta a concretização de algumas ações do sistema de circuito interno, que solucionará os problemas de veiculação internamente, até que saia a concessão do canal.

Como sugestões de melhoria do projeto, os entrevistados apontaram a necessidade de exibir para um maior número de pessoas e em outros horários, fazer pesquisas de opinião com os diversos setores da Universidade, adotar caixinhas de sugestões e investir na qualidade técnica. Este último ponto foi citado pela maioria dos sujeitos.



Entendemos que a exibição é o grande nó a ser desatado no atual panorama do projeto. Aguardamos a tramitação do pedido de concessão, que sabemos ser lenta. A exibição em canal aberto trará a responsabilidade inerente a uma emissora, mas, ao mesmo tempo, possibilitará o fluxo da produção.

Para melhor a circulação interna – isso já é parte do projeto inicial – contamos com a efetivação da distribuição em circuito interno de TV. As demais sugestões apresentadas pelo grupo focal nos pareceram bastante simples e eficazes, possíveis de serem realizadas imediatamente e que podem auxiliar no trabalho da equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se consideramos mesmo a televisão como espaço possível de aprendizagens, dada a inserção social do meio, entendemos que quando partimos para as discussões em torno do processo de construção/implantação de uma TV universitária, esta noção deve não só ser respeitada, mas um imperativo. Se declaramos a nossa posição contrária ao debate sobre a TV como meio de comunicação pernicioso, voraz, tratado de forma apocalíptica, reforçamos que como sujeitos responsáveis pelos rumos do que é produzido, devemos então ter extremo compromisso neste momento.

Ouvir aqueles que assistem ou que são telespectadores em potencial e efetivamente levar em consideração o que é dito para a transformação do meio é, a nosso ver, imergir no contexto cultural onde estes saberes fluem. Os enunciados televisivos precisam não só permear a realidade em que o veículo está inserido, mas também levar em consideração as temáticas consideradas fundamentais pelo público receptor.

Reconhecemos que implantar um projeto desta natureza – em que encontramos entraves técnicos, professores com carga horária limitada para dedicação diária, equipe eminentemente formada por bolsistas, falta de concurso e cargos específicos na universidade – não é simples. Porém identificamos que os caminhos encontrados em pequenas brechas que surgem ao longo do processo tornam este tipo de atividade possível.



Uma TV universitária é o espaço das não-amarras, da fluidez, da iniciativa e criação/gestação de novos produtos onde se possa perceber a confluência de linguagens, as tentativas de rompimento dos padrões, o lugar de se perceber uma construção imagético-auditiva que possa ir além do mercado. Não que não valha o que o mercado oferece. Não é isso! Mas com a proliferação de idéias e oportunidades propiciados pelo ambiente acadêmico é que se precisa ir além.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Betânia Maria Vilas Boas, ARGOLLO, Rita Virginia. **Hibridismos e experimentação de linguagens na TV universitária – o caso da TV UESC**. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, SP, 2007. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/lista_area_NP-ED.htm, acessado em 06/06/08, às 23h07.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação / Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugênio (et alli). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética**. In: Nexos - Revista de Estudos de Comunicação e Educação. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Ano 1. n. 1 – 2º semestre, 1997, pp. 19-38.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola aprendente: para além da sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Quarter, 2005.

BONILLA, Maria Helena Silveira & PIKANÇO, Alessandra de Assis. Construindo novas educações. In: PRETTO, Nelson de Luca. **Tecnologias e Novas Educações**. Salvador, Editora EDUFBA, 2005.

BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

DALLARI, Dalmo. **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.

DUARTE, Elisabeth Bastos. **Televisão: Ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela)TV**. Retirado do site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=es&nrm=iso/&tlng=pt#back6. Acessado em 13 de abril de 2007.

_____. **Televisão & Educação - Fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.



NETO, Otávio Cruz, MOREIRA, Marcelo Rasga, SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação.** In: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf, acessado em 24/03/08, às 11h33.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério.** São Paulo: Senac, 2000.

MAGALDI, Sylvia. A TV como objeto de estudo na educação: Idéias e práticas. In: FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação - Fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2001.

PENA, Felipe. As salsichas da TV universitária: Uma discussão sobre estética, pluralidade e cidadania. In: **Televisão e Sociedade – do Big Brother à TV universitária.** Rio de Janeiro: 7 Letras Ed., 2002.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro – Educação e Mídia.** Campinas-SP: Editora Papirus, 1996.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Lei **8977 06 de janeiro de 1995.** Dispõe sobre o Serviço de TV a Cabo e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8977.htm>. Acesso em 01 de outubro de 2007.